

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

Algo de semelhante se passa na bucólica IV de Virgílio. A autora apresenta como dado adquirido (onde?) e, aparentemente, irrefutável (embora se refira a outras interpretações) a identificação da criança do poema com o filho do cônsul Polião, a quem esta bucólica é dedicada (p. 90).

Aliás, esta identificação já antes tinha sido feita (p. 78), com a agravante de, neste caso, ser sugerida a hipótese — apoiada em que fundamentos? — da identificação do próprio cônsul com o *puer* virgiliano.

Destinando-se, prioritariamente, estas obras aos estudantes, merecia melhor tratamento a indicação da quantidade silábica dos versos, pois, por várias vezes, (cf. p. 152), há quantidades não indicadas e outras mal assinaladas. Também a transcrição de palavras gregas merecia mais atenção (cf. p. 139), pois nos surgem, na mesma palavra, caracteres gregos e latinos, surgindo o *n* a servir de *η*, o *v* a servir de *υ*, o *s* a servir de *ς*, etc.

Estes pequenos reparos não invalidam a impressão francamente favorável com que ficámos acerca desta obra e, por isso, fazemos votos para que surjam, com a brevidade possível, outros estudos deste género que continuem a colecção iniciada com este livro.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Commedie Latine del XII e XIII Secolo, IV. Università di Genova
— Facoltà di Lettere. Istituto di Filologia Classica e Medievale,
1983, 263 pp. + 8 fac-similes.

A colecção que o Prof. Ferruccio Bertini vem fazendo publicar desde 1976 sob o título de *Commedie Latine del XII e XIII Secolo* foi enriquecida em 1983 com um IV volume, que inclui três textos: o *Miles gloriosus*, atribuído hoje seguramente a Arnolfo de Orléans e apresentado por Silvana Pareto, o *De Lombardo et lumaca*, anónimo, editado por Magda Bonacina, e o *Asinarius*, também sem autor conhecido, oferecido por Simona Rizzardi.

Dos três volumes precedentes foi já feita recensão neste local (José Galdes Freire, «Humanitas», vol. XXXIII-XXXIV, Coimbra, 1981-1982, p. 339-341), a qual no entanto F. Bertini ainda não inclui na sua introdução a este IV volume.

A presente edição de mais três «comédias elegíacas» oferece as características já assinaladas para os volumes precedentes da colecção, reveladoras de bom rigor crítico e de especial atenção aos manuscritos transmissores dos textos.

A quantidade de manuscritos existentes patenteia bem a difusão que estes textos conheceram na Idade Média, aspecto que as editoras fazem sobressair em relação a cada uma das «peças» agora apresentadas. Todas elas pertencem a um conjunto de obras que se agrupam sob a designação de «comédias elegíacas» mercê da presença de traços que contribuem para a individualização da «comédia elegíaca»

como «género». No entanto, o recenseamento dessas características não é feito de modo absolutamente uniforme por todos os críticos, pelo que seria preferível falar de «género» no sentido que delineou Hans-Robert Jauss (*Littérature médiévale et théorie des genres*, «Poétique», Paris, n.º 1, 1970, p. 79), para quem o conceito medieval de *géneros* literários não equivale ao de «classes» em sentido lógico, mas a «grupos ou famílias históricas»; em vez de se dever procurar a definição, há que «verificar e descrever empiricamente». Por outras palavras, uma obra literária medieval pertence a um género na medida em que supõe um horizonte de expectativa, entendido como um conjunto de regras prévias que orientam a compreensão do leitor (do público) e lhe permitem uma recepção crítica (p. 82).

Creemos que os três textos agora apresentados se comportam como exemplos deste modo de equacionar a problemática do género em apreço: se o *Miles gloriosus* se oferece como uma situação teatralizável não obstante vir enunciado como uma narração em torno de um enredo de *fabliau* que opõe o *miles* ou *eques* ao *civis*, já os anónimos 52 versos sobre o *Lombardo e o caracol* se apresentam como um monólogo parodiante da cena épico-heróica do cavaleiro que se prepara para travar um grande combate; por sua vez a *Asinarius* é o exemplo do aproveitamento literário de um conto tradicional, cujo carácter narrativo é estilematicamente fixado no *incipit* «Rex erat quondam...».

Mas as diversidades de situação textual não invalidam que os outros ingredientes das «peças» apontassem, no espírito do receptor, para uma zona de produções literárias que agora se designam por «comédias elegíacas» em virtude da acumulação de certos traços, tais como a sua localização nos Séculos XII e XIII, a sua origem culta e escolástica (a maioria terá sido escrita por clérigos), comportando uma temática erótica equacionada numa linguagem ovidiana e portadora de um antifeminismo jocoso.

Como já observou Jean Frappier, é sobretudo no Norte do território francês, com certeza em consequência do florescimento das escolas, que os clérigos revelam declarada predilecção por Ovídio, cujos temas são integrados num «clima» em que se misturam o humanismo e a cortesia. A clerisia apodera-se deste Ovídio em meados do Séc. XII para elaborar uma teoria coerente e codificada do amor (*Amour courtois et Table Ronde*, Genève, 1973, p. 21).

Afigura-se-nos que a aceitação e a difusão das «comédias elegíacas», aproveitadoras não só da métrica ovidiana do dístico elegíaco, mas também de temas e léxico seus, não devem ser separadas desse contexto próprio da «aetas ovidiana», a que nem o «grande canto cortês» nem o romance cortês foram alheios. Ora talvez porque nos volumes anteriores já para tal tivesse sido chamada a atenção, não encontramos no presente tomo uma exploração mais incisiva deste relacionamento, para além do que anota Silvana Pareto sobre o interesse de Boccaccio pela *Lidia* do mesmo Arnolfo (p. 25-26); as outras duas introduções não abordam este domínio, não obstante acentuarem outros aspectos da integração cultural medieval de cada um (p. 101-106 e p. 140-161). Mas tanto o *Miles* de Arnolfo como a *Asinarius* são textos que haveriam certamente de permitir um alargamento da integração contextual, para além daquilo que nas respectivas introduções se anota sobre os locais prováveis da sua elaboração.

Ora o ponto de vista físico e merceológico por que é perspectivado o amor não pode ser alheio ao modo como os meios cortesões equacionavam idealmente o

amor, sem que o investimento feito na codificação desse ideal e na sua fixação literária (em verso e em prosa) pudesse anular a torpeza, a obscenidade, a estupidez, o ludíbrio, a blasfémia. Estas eram «qualidades» atribuíveis tradicionalmente a *asinus*, mas delas não se separava a figura da mulher, em contraste — e muitas vezes em contra-texto — com o tratamento idealizado feito no registo elevado da produção poética.

Nestas circunstâncias, parece-nos evidente que os textos de que é objecto o presente volume se integram no sistema de códigos medievais relacionados também com o amor e o comportamento que este alegadamente impunha às personagens intervenientes no seu processo. Se bem que o assunto não esteja ausente do volume (cf. p. 33, n. 80), ele não é apresentado directamente ao leitor nas suas relações com o mundo da cortesia e respectivos códigos (cf. p. 153-154). Se sublinhamos esta observação, não o fazemos porque, para os fins filológicos tidos em vista pelas editoras, tal ausência prejudique ou desvalorize o seu trabalho (a própria bibliografia denuncia atenção a essas relações), mas porque estes textos evidenciam não só o carácter complementar dos «géneros» literários medievais, mas também a interrelação — se não interdependência — profunda entre a literatura produzida em latim e aquela outra que inicia em vulgar a sua progressiva afirmação e dignificação ao longo dos séculos.

É que, observando a forte presença de figuras retóricas na «comédia elegíaca» e a sua abordagem cómico-jocosa de temas que também são tratados em textos românicos, não podemos deixar de evocar o sector escarminho da poesia galego-portuguesa, que à investigação italiana tanto deve, e que é inseparável do sistema de códigos literários cortesões.

JORGE A. OSÓRIO

CONRAD EGGERS LAN, *Las Nociones de Tiempo y Eternidad de Homero a Platón*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Cuadernos de Estudios Clásicos 19, 1984, 222 pp.

'Tempo' e 'eternidade' — termos para os quais se dá comumente a equivalência grega de *chronos* e *aion* — constituem o tema aliciante de estudo deste livro. Nele se intenta desvendar a teia complexa de relações e de vivências, privilegiadas no âmbito linguístico-conceptual, que possibilitam, no decurso de um lento amadurecimento, a cristalização de duas noções distintas: o tempo (*chronos*) em que se inscrevem os factos e a vida humana, e a eternidade (*aion*) ligada a uma permanência do Ser fora do tempo.

O objectivo da investigação situa-nos pois desde logo no plano ontológico (o do «real» ou da «realidade» — p. 11) que o A. privilegia relativamente a outras